

Estádio: espaço e sons do futebol – Reflexões para produção de documentário radiofônico sobre o Estádio Presidente Vargas¹

Paulo Roberto Teixeira de ARAÚJO²
Naiana Rodrigues da SILVA³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O futebol, no Brasil, é um fenômeno social. O esporte, que chegou ao país pelos aristocratas, popularizou-se e é um símbolo nacional. No Ceará, a história não foi diferente. A força do futebol em Fortaleza levou à construção do primeiro estádio de fato da cidade, o Presidente Vargas, inaugurado em 1941. Ao longo de mais de 60 anos, o PV é a casa do futebol cearense pelos jogos em seu campo e pela torcida nas arquibancadas. Como transportar essa história para um radiodocumentário? A utilização do som do estádio mostra-se fundamental, narrando ao lado das vozes. Buscar construir a atmosfera do estádio é buscar construir o próprio estádio.

Palavras-chave: futebol; estádio; rádio; documentário.

Introdução

O presente trabalho é fruto de pesquisa e reflexão que precedeu à realização de projeto experimental em produção jornalística como trabalho de conclusão do curso (TCC) de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). O produto a ser elaborado é um documentário radiofônico sobre o Estádio Presidente Vargas, conhecido popularmente como PV, um estádio de futebol localizado no bairro Benfica, em Fortaleza, e de propriedade da Prefeitura Municipal.

Para dar início à produção do documentário, tomou-se como necessário lançar olhar mais vasto para o objeto. Assim, discutem-se aspectos sociais da história do futebol no Brasil e no Ceará, a história do PV, visões sobre estádios de futebol e como transportar o objeto à luz de bibliografia acerca de radiodocumentários. São esses temas que compõem este artigo.

1 – O futebol no Brasil: um fenômeno social

“O Brasil é o país do futebol”. Essa frase tão comum e tantas vezes repetida resume a força do futebol no país. Não é o futebol que pertence ao Brasil, e sim o país que pertence

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFC, email: paulortaraujo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora mestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: naianarodrigues@gmail.com

ao futebol. Segundo o antropólogo Roberto DaMatta (2006) que esse esporte – que aqui chegou vindo da Inglaterra – é tido no Brasil, assim como a mulata, o samba, a feijoada, o jogo do bicho, o cafuné, a sacanagem e a saudade, como produto genuinamente brasileiro, e não inglês.

Hoje, o futebol, mesmo e por isso movimentando altas cifras em negociações de jogadores, patrocínios e direitos de transmissão, é eminentemente popular e uma das bandeiras brasileiras em qualquer representação caricata de nossa realidade. Aqui, o futebol não se resume a um esporte e sim a uma força social.

Como argumenta DaMatta (2006), decidir viver o futebol, torcer por um time – uma decisão individualizada e pessoalíssima que muitas vezes ocorre ainda na infância – “talvez seja o campo de uma primeira redefinição da identidade num nível mais amplo, fora das agências promovidas pela casa e pela família” (DAMATTA, 2006, p. 162). O futebol é entendido pelo antropólogo como um fato social total, a agência que abre a porta para o mundo público, inserindo o indivíduo na sociedade numa dimensão coletiva que dispensa a hierarquia das relações econômicas, mercadológicas, políticas e legais.

O elo com o time de nossa escolha promove uma vivência social dinâmica e fluida o que contrasta de modo profundo com o viés hierárquico do sistema brasileiro que tende a consolidar as experiências como fatos permanentes, naturais e até mesmo imutáveis. Com o futebol, então, experimentamos alternadamente a inteligência e a estupidez, a esperteza e a pasmaceira, a fraqueza e a força, o que produz não somente a vivência de um mundo mutável, mas a experiência da sociedade capaz de proporcionar reversões significativas no plano das definições e classificações coletivas. (DAMATTA, 2006, p. 163)

Quando dirigimos as possibilidades de vivência propiciadas pelo futebol no âmbito clubístico para o âmbito nacional – isto é, para a seleção brasileira de futebol –, vamos apontar para um ente formador da identidade nacional, para a maior expressão popular do país, como indica o jornalista e historiador Marcos Guterman (2009), autor de *O futebol explica o Brasil*.

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. Essa relação, de tão forte, é vista como parte da própria natureza do país – as explicações para o fenômeno geralmente vão mais na direção da Antropologia que da História. (GUTERMAN, 2009, p.9)

A origem dessa força popular, ironicamente, é aristocrática. Segundo Guterman, o esporte aparece primeiro como fruto de ação da elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos ou ligados aos investidores europeus que exploraram as oportunidades oriundas do desenvolvimento brasileiro na segunda metade do século XIX. Os elementos

populares, negros e operários, nesse primeiro momento, só experimentaram o futebol ou nos campos de várzea ou quando, por habilidades atléticas, tornaram-se decisivos para os times dos brancos ricos.

O Museu do Futebol, museu temático inaugurado pela Prefeitura de São Paulo e pelo Governo do Estado de São Paulo em 2008, resume no texto de apresentação do equipamento cultural (disponível em seu website⁴) uma visão historiográfica sobre o futebol que já reside no imaginário popular.

Mais do que sobre esporte, o Museu do Futebol é, antes de tudo, um museu sobre a história do povo brasileiro. Um museu cercado pelos mistérios da euforia que todos temos pela bola, pelo drible, pelo chute e pelo gol. Um mistério que opera sobre eruditos e simples, que unifica e separa como as grandes paixões coletivas, onde as alegrias são sempre maiores que as tristezas. Entre no feitiço de como um esporte inglês, branco e de elite, aos poucos ganhou novos traços: tornou-se brasileiro, popular, mestiço e uma das mais reconhecidas manifestações culturais do nosso país. (MUSEU DO FUTEBOL, 2011).

Não há apenas uma única versão para a chegada do futebol no Brasil. A versão narrativa mais conhecida é a de que o esporte aqui aportou no fim do século XIX pelas mãos (e pés) de Charles Miller. Tendo sido ele o pioneiro ou não, a introdução do futebol na sociedade paulistana causada por Miller é representativa do caminho trilhado pelo esporte em sua fase inicial no país.

Como relata Mills (2005), Charles William Miller nasceu em São Paulo, em 1874, filho do engenheiro escocês John Miller – que veio ao Brasil trabalhar na construção de estradas de ferro – e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller. Carlota era filha dos ingleses Henry Fox e Harriett Rudge Fox. Charles Miller foi mandado pelos pais à Inglaterra para estudar em 1884, regressando 10 anos depois, trazendo na bagagem o futebol: duas bolas, uma bomba de ar, um par de chuteiras, uniformes e um livro de regras.

Como conta Guterman (2009, p.20), o primeiro jogo de futebol disputado no Brasil “mais ou menos dentro das regras oficiais, de acordo com os registros mais aceitos, ocorreu em São Paulo em 14 ou 15 de abril de 1895. Promovido por Charles Miller, reuniu funcionários da Companhia do Gás e da São Paulo Railway”. O jogo, vencido pela São Paulo Railway, time de Miller, por 4 a 2, foi realizado na Várzea do Carmo, terreno da Companhia Viação Paulista onde pastavam burros que conduziam bondes de tração animal.

Outros jogos de demonstração da novidade vinda da Inglaterra foram realizados. Rapidamente, o esporte ganhou apreço das elites. Aos britânicos bem-sucedidos, juntou-se a elite cafeeira paulistana. Desde o início, para comportar os jogos, era necessário pensar no

⁴ <http://www.museudofutebol.org.br/o-museu>. Acessado em 4 de outubro de 2011.

espaço em que eles ocorreriam. E foi do seio aristocrático paulistano que surgiram os primeiros espaços dedicados ao futebol no país.

O pedigree elitista do futebol permeava tudo, inclusive a estrutura do esporte. O primeiro campo oficial do país foi o terreno da Chácara Dulley, no Bom Retiro, (...) pertencente à família de Charles D. Dulley, engenheiro americano que chefiou a construção da ferrovia entre São Paulo e Rio, aberta em 1877. (...) O primeiro estádio de futebol digno desse nome no Brasil foi uma adaptação do Velódromo Paulistano, erguido em 1892 por encomenda de Antonio da Silva Prado, (...) neto do Barão de Iguape e herdeiro de uma das famílias mais ricas do Brasil. (...) Em 1901, (*o Velódromo*) foi adaptado para receber jogos de futebol. (GUTERMAN, 2009, p.17 e 18)

Antes da virada para o século XX, times já haviam sido formados. Em 1902, foi disputado o primeiro campeonato paulista com as “arquibancadas do Velódromo sempre cheias de cavalheiros, senhoras e senhoritas”. Mas o futebol, sem demora, alcançou outras classes ao despertar o interesse dos operários, trabalhadores da linha férrea, imigrantes italianos, pequenos comerciantes portugueses...

O futebol “escapou” das elites e caiu no gosto popular. De acordo com Guterman (2009), alguns clubes tiveram papel importante para a inclusão das massas no futebol. O Sport Club Corinthians Paulista foi fundado por trabalhadores urbanos em 1910, rompendo com o caráter elitista dos times paulistanos. No Rio de Janeiro, o Bangu Athletic Club foi fundado no subúrbio, em 1904, por trabalhadores de uma fábrica de tecidos. O Clube de Regatas Vasco da Gama, de 1898, teve um presidente negro em 1904, quando ainda dedicava-se apenas ao Remo. O clube acrescentou o futebol a suas atividades em 1915. Em 1922, ganhou o direito de disputar a primeira divisão do campeonato carioca de futebol com um time formado, em maioria, por negros e operários, destoando dos então elitistas Flamengo e Fluminense.

Nome sempre citado ao falar da inclusão do negro do futebol brasileiro é o de Arthur Friedenreich, o Fried, primeiro grande herói do futebol brasileiro. O mulato Fried, filho de um comerciante alemão e de uma lavadeira negra, foi autor do gol da vitória brasileira no torneio que é considerado marco fundamental para a consolidação do futebol como esporte de massa no país, o Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro.

“Antes do campeonato, o football aqui já era uma doença: agora é uma grande epidemia, a coqueluche da cidade, de que ninguém escapa”, dizia texto do jornal carioca *A Rua*, em 7 de maio de 1919. “A animação, extraordinária desde 11 horas, tornou-se como poucas vezes tem acontecido ao aproximar-se a hora do jogo. Um alarido unânime atroava e

nos morros vizinhos a multidão agitava bandeiras nacionais, por entre vivas”, registrou o também carioca *A Noite*, em 29 de maio de 1919⁵.

A seleção brasileira derrotou a uruguaia por 1 a 0 na partida final, gol de Fried na prorrogação. A partida foi disputada no Estádio das Laranjeiras diante de um público de vinte mil pessoas, entre elas o presidente da República, Delfim Moreira.

A capacidade de atrair multidões e mobilizar emoções, já percebidas no campeonato citado, passa pelo papel do torcedor no jogo, como aponta DaMatta (2006). Para ele, o espectador crê que sua atitude relativamente a seu time é um modo de participação importante para o resultado da partida.

O futebol transtornava papéis sociais hierarquizados, na medida em que o público deixava de ser um espectador passivo (como ocorria nos espetáculos burgueses tradicionais como o bel-canto, a ópera, o teatro e até mesmo corridas de cavalo e as regatas), transformando-se num aficionado ativo singular: um “torcedor”. (DAMATTA, 2006, p. 141)

De acordo com Guterman (2009), o feito de Arthur Friedenreich no Sul-Americano de 1919 teve um peso que transcendeu a glória esportiva momentânea, configurando-se num “divisor de águas do futebol brasileiro como aglutinador democrático de raças e de classes sociais” (p. 44), mesmo que apenas no campo de jogo.

A partir desse gol de Fried, o Brasil notou que seus negros e seus pobres (o que quase dava no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos brancos. (GUTERMAN, 2009, p. 46)

A pandemia do futebol no Brasil cresceu vigorosamente com a Copa do Mundo de Futebol, disputada pela primeira vez em 1930. A disputa do torneio no Brasil, em 1950, catapultou o esporte de tal forma que levou 200 mil pessoas a jogos no Estádio do Maracanã. A derrota traumática em 1950 e a vitória da Copa da Suécia de 1958, já contando com um jovem negro chamado Pelé, fixaram o futebol como elemento de identificação e orgulho nacional.

2 – Futebol Cearense: a conquista de seu espaço

No Ceará, a história da chegada do futebol segue a mesma tônica dos pioneiros do país em São Paulo. Na publicação *PV: Biografia de uma paixão – Corpo, alma e coração do Estádio Presidente Vargas*, realizada, em 2011, pela Fundação Demócrito Rocha, ligada

⁵ Trechos disponíveis online pela pesquisa *O Rio de Janeiro através dos jornais*, de João Marcos Weguelin, em <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj26.htm>. Acessado em 6 de outubro de 2011.

ao Grupo de Comunicação O Povo⁶, é apresentada a versão mais conhecida do nascimento do futebol no Estado.

Essa versão apresenta José Silveira, “futuro professor de inglês e grande incentivador do esporte em seus primeiros anos em Fortaleza” (RIBEIRO e CÂMARA, 2011, p.25), como introdutor do futebol no Ceará. Filho de portugueses nascido em 1892, Silveira foi enviado pelos pais para estudar na Europa, passando pela Suíça e, posteriormente, pela Inglaterra. Regressou a Fortaleza, de férias, em 1904 com uma bola e um livro de regras na bagagem. Em 24 de dezembro do mesmo ano, Silveira organizou a partida tida como marco fundador do futebol no Ceará.

A primeira partida envolveu jovens da alta sociedade contra um combinado de funcionários britânicos da Companhia de Gás e tripulantes de um navio da Inglaterra ancorado no litoral. O jogo ocorreu no plano médio do Passeio Público (...). Os times foram denominados de “Foot-Ball Club”, o dos cearenses, e – pela lógica – “Ingleses”. Pouco afeitos à nova modalidade, os cearenses perderam por 2 a 0. (RIBEIRO e CÂMARA, 2011, p.25).

Contudo, foi apenas na década de 1910 que “o futebol se popularizou, amadureceu e seguiu os trilhos impostos no resto do mundo” (PINTO, 2007, p. 38) em Fortaleza. Ainda segundo Pinto (2007), foi nessa década que os primeiros times surgiram a partir de interesse dos filhos da elite local que praticavam o esporte nas ruas, calçadas e praças do centro da cidade, pela ausência de espaço dedicado ao futebol.

Mas um espaço para a prática do esporte era primordial para que os praticantes do refinado *foot-ball* inglês tivessem ares de verdadeiros *sportsmen*. O “modelo desportista”, de desenvolvimento do corpo através dos esportes como parte do completo desenvolvimento intelectual humano, ganhava força no Brasil na medida em que era importado da Europa.

O jogar *foot-ball* no início do século XX é mais restrito, no sentido do verbo. Jogar é algo que emana regras, fora dessas regras não se joga *foot-ball*. Pode-se dizer que se corre atrás da bola de forma lúdica. Portanto, o futebol está ligado intrinsecamente ao “modelo desportista”. O lugar do jogo é algo tão importante quanto as regras que movimentam os participantes. (PINTO, 2007, p. 46).

Com a maior recorrência de partidas, que rapidamente ganharam a atenção não só das elites, mas também de operários, fez-se urgente a necessidade de um espaço para o

⁶ O livro, com caráter jornalístico, foi produzido baseado em registros de jornais, depoimentos e na bibliografia existente sobre o futebol cearense (alguns também consultados para a elaboração deste projeto). Destaque para *A Verdadeira História do Futebol Cearense (1903/1955)*, de Frederico Maia; *Futebol Cearense: A História*, de Alberto Damasceno; *Futebol Cearense: Retalhos Históricos*, de Alfredo Sampaio; e *A História do Campeonato Cearense de Futebol*, de Nirez de Azevedo. Os editores foram Cláudio Ribeiro e Ciro Câmara. Os repórteres, Rafael Luís e Thiago Cafardo. A pesquisa ficou a cargo de Eugênio Fernandes.

futebol. Surgiu aí o Campo do Prado, em 1913, o primeiro espaço dedicado ao futebol em Fortaleza.

O terreno, no bairro do Benfica, até então pouco habitado, “pertencia a família de imigrantes franceses Boris Frères, influente no comércio local” (RIBEIRO e CÂMARA, 2011, p. 28). A localização exata do campo corresponde ao atual campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Mesmo com a precariedade do espaço – não havia grama ou arquibancadas –, o Campo do Prado transformou o futebol em Fortaleza a partir de 1913. Contudo, a prática do esporte nas ruas, alheias aos espaços de prática legitimados, sobretudo na periferia, como narra Pinto (2007), foram primordiais para a popularização do jogo. De acordo com o mesmo autor, os adeptos do futebol nos espaços ocupados pelas elites – que antes do Prado eram também espaços públicos – eram considerados *sportsmen*. Já os que jogavam nas ruas, eram tidos como desocupados que, aos gritos durante a partida, interrompiam o normal transcorrer da vida na cidade. Assim, em duas frentes, o *foot-ball* tornou-se atividade comum à pequena capital cearense.

As primeiras décadas do século XX servirão de espaço temporal para que haja uma harmonização do jogo, tornando-o comum à sociedade, algo cotidiano para o fortalezense. Mesmo sendo o cidadão a favor ou contra a prática, ele passará a conviver com uma vida social na qual o futebol se insere e se adapta a ela. (PINTO, 2007, p. 51).

Foi na década de 1910 que surgiram as atuais grandes forças do futebol estadual: o Rio Branco Foot-ball Club, fundado em 2 de junho de 1914 e que no ano seguinte mudou de nome para Ceará Sporting Club⁷, e o Stella Foot-Ball Club, fundado em 1915 e que, ao ser extinto posteriormente, levaram seus dirigentes a fundarem, em 10 de outubro de 1918, o Fortaleza Esporte Clube⁸.

De acordo com Damasceno (2011), em 30 de maio de 1915, foi fundada a Liga Metropolitana Cearense de Foot-Ball, a primeira entidade gestora do esporte no estado, que organizou seu primeiro campeonato no mesmo ano, disputado por Ceará, Stela, Rio Negro e Maranguape. A partida final do campeonato foi disputada em 7 de novembro de 1915 por Ceará e Stela no Campo do Prado, já despertando interesse na cidade, como contou o jornal Diário do Estado em sua edição de 9 de novembro de 1915.

⁷ Informações do website oficial do clube. Disponível em <http://www.cearasc.com/o-clube/historia/>. Acesso em 11 de outubro de 2011.

⁸ Informações do website oficial do clube. Disponível em <http://www.fortalezaec.net/2009/Historia.aspx>. Acesso em 11 de outubro de 2011.

Effectuou-se domingo último no *field* do bairro do Bemfica o anunciado jogo de *foot-ball* entre as poderosas equipes do Stella Foot ball Club e Ceará Sporting Club. A numerosa assistência que enchia as archibancadas do Bemfica teve incontestavelmente a magnífica oportunidade de assistir ao lindo jogo desses fortes *elevens*, cheio de phases e lances lindos (...). Terminou esse interessante *match* com o resultado favorável ao Ceará, que conseguiu marcar mais um *goal* do que o seu adversário. (DIÁRIO DO ESTADO, 1915).⁹

O Campo do Prado recebeu partidas do Campeonato Cearense de 1915 a 1941. Neste vasto período, o futebol solidificou-se na cidade. A Liga Metropolitana deu espaço à Associação Desportiva Cearense (ADC) em 1920. Outros times surgiram e ganharam destaque, como o Sport Club Maguary, de 1924, e o Ferroviário Atlético Clube, de 1933. O futebol perdeu ares de amadorismo e deu início à irresistível trilha da profissionalização.

Com o tempo, o Campo do Prado recebeu melhorias. Em 5 de junho de 1927, foi inaugurada uma arquibancada. Em 29 de setembro de 1939 foi realizado o primeiro jogo com iluminação artificial (Ferroviário 2 x 1 Estrela do Mar). No mesmo ano de 1939, conforme Sampaio (2007), o Prado viu, a poucos metros de distância, o começo da mudança de endereço do futebol cearense: o lançamento da pedra fundamental do futuro Estádio Getúlio Vargas em 13 de agosto.

3 – O Estádio Presidente Vargas: casa do futebol cearense

O ano de 1939 marca um salto na história do futebol cearense. Foi um ano chave para a profissionalização do esporte no estado, mas os grandes avanços do ano são referentes à estrutura física do espaço para a prática do futebol em Fortaleza.

No intervalo de quatro meses, ocorreu em 1939 um avanço maior que em toda a década. Quiçá na quase metade do século. (...) Em agosto, é lançada a pedra fundamental do estádio Presidente Getúlio Vargas. (...) Em setembro, é realizado o primeiro jogo com iluminação artificial no Campo do Prado (...). E, em dezembro, pela primeira vez, uma partida tem transmissão do rádio: Estrela do Mar 4 x 1 Maguary. Quem não foi ao Prado pôde acompanhar de casa pela Ceará Rádio Clube (a PRE-9), o que viraria praxe a partir de então. (RIBEIRO e CÂMARA, 2011, p.32).

Nesse ponto, o antigo Prado, mesmo com melhorias, não mais supria as necessidades do futebol cearense. Como descreve Sampaio (2007), o espaço em 1940 era um “campinho de barro batido, sem grama, com uma pista para corrida de cavalos em seu redor e pequenas arquibancadas de madeira para os torcedores.” (SAMPAIO, 2007, p. 29).

O nascedouro de um novo estádio para Fortaleza, atendendo às demandas dos tempos da profissionalização, foi condicionado ao fim do velho Prado. Interessado no terreno localizado à Avenida 13 de Maio para a construção da Escola Industrial, atual IFCE,

⁹ Disponível em <http://www.cearasc.com/o-clube/historia/>. Acesso em 11 de outubro de 2011.

o Governo Federal ofereceu à Prefeitura de Fortaleza a posse de um terreno maior localizado em quarteirão adjacente. A troca foi feita e começou a ser erguido o Estádio Presidente Vargas (hoje popularmente chamado de PV), em 1939, durante o chamado Estado Novo (1937-1945), em que o país era comandado pelo governo centralizador de Getúlio Vargas.

O Estádio Getúlio Vargas (nome original do PV) foi inaugurado em 14 de setembro de 1941, não gratuitamente carregando o nome do presidente. Para a festa de inauguração, estava pronto um pequeno lance de arquibancadas de madeira, herdado do Prado, assim como as torres de iluminação. Mas, para a época, era um “moderno estádio”, como salienta Sampaio (2007). As arquibancadas de concreto só viriam depois. A grande novidade, a grande revolução foi o gramado, que permitia que a bola corresse sem os solavancos dos buracos na terra batida e pôs fim ao poeiral.

O Estádio Presidente Vargas tornou-se a casa do futebol cearense. Todas as finais dos campeonatos estaduais de 1941 a 1973, ano de inauguração do Estádio Governador Plácido Castelo, o Castelão, foram realizadas no estádio do Benfica.

Ao longo da história do Presidente Vargas, foram várias as reformas que melhoraram a estrutura e elevaram a capacidade do estádio. Em 1958, foram concluídas as arquibancadas vazadas de concreto, dando adeus às velhas arquibancadas de madeira. Em 1963, grande reforma deu ao PV um novo lance de arquibancadas. O estádio, todo de concreto, já tinha então capacidade para 20 mil pessoas. Em 1969, ocorreu ampliação das arquibancadas superiores, passando a capacidade do estádio para 35 mil lugares.

Mais recentemente, em 1997, foi realizada a colocação dos assentos nas arquibancadas, o que reduziu a capacidade para 19.800 lugares. Com a inauguração do Castelão, os grandes jogos e decisões não foram realizados no PV, com pontuais exceções. Jogos de menor atratividade continuaram a ser realizados no PV, muitas vezes levando grandes públicos. Pela localização do estádio, o espaço tornou-se de fácil acesso com a expansão da cidade.

O estádio, por se localizar no bairro Benfica, eminentemente residencial, em uma região central da cidade e por estar próximo de avenidas de grande tráfego de veículos (Av. Treze de Maio e Av. dos Expedicionários) e ônibus, facilita o fluxo de torcedores. (BORBA, 2006, p.21).

Porém, o tempo – e a má conservação depois de reformas que cuidavam apenas do lado estético do estádio – degradou o PV. Em 4 de fevereiro de 2008, o estádio foi interditado. Após grande atraso do governo municipal para realização de testes da estrutura

de concreto e, posteriormente, para o início das obras, os trabalhos de modernização e restauração começaram em janeiro de 2010.

Em 8 de maio de 2011, o PV é reaberto, e logo para a decisão do 2º turno do Campeonato Cearense, partida que deu o título do ano para o Ceará, com vitória de 5 a 0 sobre o Guarani de Juazeiro. Três anos e três meses após a interdição, um ano e quatro meses depois do início das obras, o Estádio Presidente Vargas é reaberto. Com o Castelão fechado para as obras para a Copa do Mundo, o Benfica volta a ser, como disse o jornal Correio do Ceará em 1973, “o local único de atividades futebolísticas de atuações gerais da torcida cearense”.

A grande reforma pela qual passou transformou substancialmente o Estádio Presidente Vargas. A fachada do PV (tombada pela Prefeitura), voltada para o cruzamento das ruas Marechal Deodoro e Costa Souza, foi restaurada, mas manteve a arquitetura e as cores originais preservadas. A nova capacidade do estádio é de 20.200 espectadores, todos sentados em assentos ou cadeiras azuis. O antigo alambrado de arame foi substituído: a torcida agora é separada do campo por um vidro blindado, formado por duas chapas de vidro laminado e temperado, com 12,5 milímetros cada. O gramado diminuiu, tendo agora 105 metros de comprimento e 71 metros de largura, e possui sistema de irrigação automatizado. O setor de cadeiras e das novas 15 cabines e 30 bancadas para imprensa recebeu uma nova cobertura metálica. Aumentou o número de acessos: o estádio conta com 37 catracas eletrônicas, 4 acessos principais às arquibancadas, 12 vomitórios (acessos menores numerados) e 1 rampa, além de 32 bilheterias. O custo total da obra foi de aproximadamente R\$55 milhões.¹⁰

4 – Para contar uma história

Já passamos pelo papel social que o futebol adquiriu no país, apresentamos a história do futebol no Ceará e conhecemos o Estádio Presidente Vargas. A questão agora é: que produto jornalístico pode reunir esse painel condensado pelo futebol no PV? As respostas são várias, mas neste artigo apresentamos nossa escolha: o radiodocumentário.

Como afirma Barbosa Filho (2003, apud Pessoa 2010), o documentário é dotado de caráter analítico, com aprofundamento do tema, o que pressupõe edição do áudio coletado, com matérias gravadas, cabeças e matérias temporais. Apresentamos aqui a definição do autor para o gênero.

¹⁰ As informações sobre o estádio depois da reforma foram repassadas pela Assessoria de Comunicação da Secretaria de Esporte e Lazer da Prefeitura de Fortaleza por contato via e-mail em 16 de março de 2012.

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. (BARBOSA FILHO, 2003, p.102 apud PESSOA, 2010, p. 498)

Para compreender o objetivo de um documentário, recorremos a McLeish.

Um documentário apresenta somente fatos, baseados em evidência documentada – registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero. O objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada. (MCLEISH, 2001, p. 191)

McLeish (2001) e Chantler & Harris (1998) apresentam, de forma correlata, proximidades e diferenciações entre documentários e programas especiais. As duas formas são apresentadas como “áreas estimulantes e criativas do rádio” (MCLEISH, 2001, p. 191). A diferenciação básica está no sentido de seleção e tratamento do material-fonte.

Como visto, o documentário deve ser baseado em evidências documentais, enquanto os especiais podem passar pela ficção, pela representação como forma ilustrativa. Contudo, como alerta o próprio McLeish (2001) e Pessoa (2010), os gêneros podem hibridizar-se e as classificações não são estanques, mas que, ao dar um passo fora das evidências documentadas, o produtor realize de tal maneira que fique claro para o ouvinte.

Outra importante orientação para a feitura de documentário para rádio é dada por Chantler & Harris (1998). “Lembre-se de que as palavras das outras pessoas causam mais impacto do que as suas, e que há sons muito mais importantes do que palavras. Essa é a essência do documentário” (p. 166). Portanto, é de se inferir que o cerne do documentário radiofônico são evidências sonoras, o que segundo McLeish (2001), exigiria do produtor uma ampla pesquisa que permitisse o uso de registros escritos e documentos, bem como de entrevistas atuais e outros áudios históricos e de arquivo.

A ideia de realizar o documentário para rádio, e não um produto de jornalismo impresso, nasce desse olhar para a importância histórica do áudio. O depoimento, gravado e inserido em um produto de radiojornalismo, torna-se um documento, preserva a memória do entrevistado sobre o tema proposto e registra num suporte midiático o momento.

As evidências documentadas devem ser organizadas de forma que tenham uma história para contar, buscando surpreender o ouvinte, como defendem Chantler & Harris (1998). É esse trabalho de seleção e organização que criam a riqueza do documentário.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas idéias e interesses (MCLEISH, 2001, p. 192).

A história que buscaremos contar na produção do trabalho de conclusão de curso não é apenas a história do Estádio Presidente Vargas desde 1941, sim *o que é* o PV, o que o forma, qual sua força social e histórica, percebidas a partir de *como ele é* em dias de jogos.

5 – Para ilustrar a história

Se é essa a história a ser contada, se a variedade de vozes é privilegiada, se a voz do locutor narrando os fatos não deve ser o cerne do produto final, ele será baseado em depoimentos. As vozes têm o poder de narrar. Contudo, nem só de vozes se faz rádio.

Como defende McLeish (2001), o rádio é um meio cego, mas que pode estimular a imaginação do ouvinte, transportá-lo para outro ambiente, descrever uma situação através dos sons.

Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser. [...] Criada por efeitos sonoros apropriados e apoiada pela música adequada, praticamente qualquer situação pode ser traduzida ao ouvinte. Como disse um colegial ao ser perguntado sobre as novelas da televisão: “Prefiro o rádio, o cenário é bem melhor”. (MCLEISH, 2001, p. 15).

Em um documentário como o proposto neste trabalho de conclusão de curso, os elementos sonoros poderão ser utilizados para contribuir com o texto jornalístico, pois os sons também são elementos descritivos e informativos, e eles irão compor um ambiente. O conjunto de sons pode expressar uma emoção, caracterizar algo, ou até mesmo uma pessoa.

A importância do reforço da sonorização, para Kaplún (1978), é recurso que permite ao ouvinte uma melhor compreensão da informação e do ambiente, possibilitando a identificação de sons que compõem determinada situação abordada.

É extrapolar o uso das entrevistas para provocar a imaginação do público sem, entretanto, abalar a credibilidade do programa: “Ouvimos o galope e vemos o cavalo, o ruído do trânsito nos põe em meio a uma artéria cheia de movimento, a sirene de um carro dos bombeiros e o crepitar do fogo nos leva a visualizar o incêndio” (KAPLÚN, 1978, p. 175 apud PESSOA, 2010, p. 498).

Os sons, quando captados *in loco* (como será a maioria utilizada no documentário a ser produzido), colaboram para garantir a criação de um clima, no qual o ouvinte pode reconhecer um ambiente autêntico, ao identificar ruídos e sons. Esse conjunto sonoro propicia maior autoridade e credibilidade ao programa, no entendimento de Mcleish (2001).

Portanto, a construção do documentário radiofônico proposto tem como eixo três variedades sonoras: a narração do locutor – baseada em documentação escrita, pesquisa bibliográfica e em observações necessárias aos depoimentos; sonoras de depoimentos, a partir das entrevistas realizadas – as entrevistas serão realizadas e identificadas de acordo com o objetivo proposto no último parágrafo do sub-tópico anterior; e sons captados no Estádio Presidente Vargas e suas cercanias. Outra modalidade passível de utilização são os arquivos sonoros. Esse uso é condicionado, claro, à possibilidade de encontrá-los em qualidade que permita a veiculação.

6 – O espaço da história: estádios de futebol

Está claro que fundamental para a construção do documentário é o ambiente, já que um espaço físico é o tema do produto jornalístico a ser produzido. Para isso, além de buscar a compreensão do PV, é necessário refletirmos sobre pontos gerais acerca dos estádios de futebol no Brasil.

A importância dos estádios na sociedade brasileira está expressa no número de estádios de futebol. Não há capital do país sem ao menos um deles, que abrigam torcedores nessas mecas do futebol.

O estádio significa, na cultura brasileira, a grandiosidade de uma região, de um estado ou de um clube. (...) Assim como a igreja na Idade Média, com todo o seu simbolismo e importância, podemos palpitar que os estádios nas cidades brasileiras apresentam semelhança com as igrejas medievais, determinando regiões e atraindo um enorme número de turistas para conhecer suas dependências. (CERETO, 2004, p. 68).

No Brasil, várias cidades, como Rio de Janeiro, Belém, Natal e Campo Grande, dentre outras, apresentam como maiores estádios equipamentos públicos. É o caso de Fortaleza, em que os dois maiores estádios são públicos. O PV é de propriedade da Prefeitura Municipal de Fortaleza e o Castelão, do Governo do Estado do Ceará. De acordo com Cereto (2004), os estádios públicos no Brasil começaram a ser construídos na Era Vargas, caso do PV.

A construção de estádios não nasceu no Brasil, muito menos na Era Vargas. Ainda segundo Cereto (2004), tais arenas remontam a quando os esportes adquiriram importância nas civilizações greco-romanas, especialmente em função da “magnitude das edificações erguidas para espetáculos esportivos além da importância na construção do caráter do indivíduo na sociedade helênica” (CERETO, 2004, p. 8).

Baseado no panorama histórico apresentado por Cereto (2004) e em manuais para a construção de estádios de futebol publicados pela FIFA, Bedendo (2011, p.2), sustenta que,

ao longo da história, as estruturas das arenas projetadas para as práticas esportivas moldaram o que ele chama de “arquitetura do olhar” e “arquitetura da experiência”, que dialogam e se metamorfoseam tática e tecnicamente em prol das dinâmicas sociais. Ambas ganharam contornos ainda mais explícitos e complexos a partir do futebol moderno.

Em suma, o estádio, para Bedendo (2011), é vivenciado seguindo essas duas arquiteturas. A primeira, baseada na visibilidade do espetáculo ao centro da arena. A segunda, baseada na experiência propiciada por se estar na arena. Portanto, para o espectador, a presença no estádio de futebol tem dupla função, que supera o simples desejo de olhar o campo de jogo e passa pelo experimentar o estádio, no sentido de vivenciar o estar ali, incluindo a estrutura física do estádio e a estrutura humana nas arquibancadas.

É essa visão que queremos trazer para o documentário, do estádio enquanto um espaço de experiência, um espaço com “atmosfera” própria que atrai o torcedor, que constrói sua relação com o estádio não apenas sentado no concreto olhando para a grama, mas também no suor, no calor vindo de jogadores e torcedores embebidos pelo futebol, nos sons, que povoam campos e arquibancadas, que partem de árbitros, jogadores, torcedores, torcidas organizadas. O que o documentário busca é trazer que, mais do que de concreto, o estádio é feito de gente.

Giulianotti (2010) aponta que essa “atmosfera” do jogo está diretamente ligada ao prazer desfrutado de se estar no estádio. “Para os jogadores e espectadores, um importante estímulo é a atmosfera do jogo, especialmente no âmbito profissional: quanto mais intensa a atmosfera, mais aprazível o jogo”. (GIULIANOTTI, 2010, p. 97). O mesmo autor utiliza o termo “topofilia”, de Tuan (1974), para explicar as dimensões afetivas dos campos de esporte, que perpassam conforto arquitetônico e apreço estético. Topofilia refere-se à profunda afeição das pessoas pelos espaços sociais particulares.

Os torcedores refugiam-se nos sentimentos topofílicos diante do campo, inclusive diante daqueles em que não há estética ou refinamento funcional. Como Hopcraft (1988, p. 141) explicou no final da década de 1960, “os campos de futebol nem sempre são locais atrativos no sentido ornamental. Sua beleza é o tipo de ambiente especial, apreciado somente pelas pessoas que relacionam o cenário a seus vínculos emocionais”. O campo enquanto local evoca memórias e estimula expectativas. (GIULIANOTTI, 2010, p. 97).

Por isso também a predileção pelo rádio como meio. Como transportar para o papel a “energia” de uma arquibancada, os cantos das torcidas organizadas, o frenesi antes das partidas? A descrição fidedigna em texto informa. O som, no rádio, pode fazer mais, pode recriar o ambiente para o ouvinte.

Referências Bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos** – os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

BEDENDO, Ricardo. **Arquiteturas do olhar e da experiência**: os estádios plurisensoriais, o football como hiperespetáculo e alguns desafios do jornalismo esportivo. *Paper* apresentado no GP Comunicação e Esporte, no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; Recife/PR, 2011.

BORBA, Sérgio L. M. **Marketing no Futebol: Análise dos serviços oferecidos nos estádios de Fortaleza**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Ceará, 2006.

CERETO, Marcos. P. **Arquitetura de Massas**: o caso dos estádios brasileiros. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

DAMASCENO, Alberto. **Futebol Cearense: A História**. Fortaleza: Eprgraf, 2011.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**: El guión, la realización. Quito: CIESPAL, 1978.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MILLS, John. **Charles Miller**: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005.

PESSOA, Sônia C. **Radiodocumentário: gênero em extinção ou lócus privilegiado de aprendizado?**. In FERRARETO, L. A.; KLÖCKNER, L. (orgs.). **E o Rádio? Novos Horizontes Midiáticos**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

PINTO, Rodrigo M. S. **Do Passeio Público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904 – 1945)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, 2007.

RIBEIRO, Cláudio; CÂMARA, Ciro (editores). **PV: Biografia de uma paixão** – Corpo, alma e coração do Estádio Presidente Vargas. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

SAMPAIO, Alfredo. **Futebol Cearense: retalhos históricos**. Fortaleza: Imprece, 2007.